

PELOS CAMINHOS DA LÍNGUA: UM LEQUE ECOLINGUÍSTICO

Mônica Cristina Soares Barretto

Prof^a Dr. Leonardo Ferreira Kaltner

Mestranda

RESUMO: O objetivo deste trabalho é debater a Ecolinguística, em sua relação com os demais estudos de linguagem contemporâneos e a sociedade global atual, tendo em vista que vivemos em uma época de globalização, no século XXI, em que indivíduos têm estado em contato com diversos povos e comunidades linguísticas diversas, ocorrendo situações de interação e contato linguístico em larga escala. Analisaremos a EL, seu histórico, seus conceitos e as vertentes de seu desenvolvimento como ciência interdisciplinar entre Ecologia e Linguística. Sua base teórica foi construída, interdisciplinarmente, a partir de conceitos da Ecologia Biológica, sendo o conceito de ecossistema linguístico fundamental para uma compreensão holística do fenômeno linguístico em relação ao meio ambiente (COUTO, 2007). Ao mesmo tempo, debateremos como o contato linguístico é essencial para as interações e a comunicação entre povos diversos. Assim, faz-se necessário definir o que se entende por língua, meio-ambiente da língua, bem como interação entre língua e ambiente, pelos pressupostos da EL. O conceito de ecossistema linguístico engloba a noção tripartite de povo-território-língua (P-T-L), três elementos que formam um todo, uma comunidade tal que somente a partir de uma análise que englobe essa relação entre os elementos fundamentais podemos analisar as relações do fenômeno linguístico com o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Ecolinguística, linguagem, meio-ambiente, ecossistema.

Apresentação

O propósito dessa pesquisa é fazer uma análise Ecolinguística das comunidades ciganas residentes no estado do Rio de Janeiro, principalmente os freqüentadores da primeira capela cigana da América Latina, recém-inaugurada na cidade de São Gonçalo, no bairro de Monjolos. Ali, várias comunidades ciganas encontram-se para cultuarem e festejarem Santa Sarah Kali, a santa católica protetora do povo cigano.

Teremos como base os conceitos e proposições gerais da Ecolinguística, com ênfase nas relações entre língua, povo, território, e também acerca das divisões do meio ambiente da língua em social, mental e natural.

A chamada Ecolinguística tem seu marco inicial no século XIX, com Edward Sapir, antropólogo polonês, e depois consolidou-se com Einar Haugen, que é considerado o pai

dessa disciplina, que se ocupa das relações entre língua e meio ambiente. Sua nomenclatura também abriga outros termos, como Ecologia da língua e linguística ecológica. Seu principal objetivo é estudar as relações entre língua e meio ambiente. Para se ter uma língua é necessário que hajam pessoas que a utilizem. Haugen começou seus estudos em 1967, com o intuito de pesquisar a vida de um pequeno povo chamado faroês, numa ilha situada entre a Noruega e a Islândia. Ele acreditava que a língua não era parte da herança biológica, mas da sua herança social, ou seja, das relações estabelecidas entre as comunidades de fala (COUTO, 2002, p. 9).

A ecologia da língua para ele é o estudo do meio ambiente social das línguas, de seu modo de transmissão, da ocasião do seu uso e da interação entre elas em uma determinada população. Quem avançou idéias mais profundas sobre o meio ambiente social da língua foi Sapir (1844-1939). Segundo ele, em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. Por isso, a linguagem é um guia para a realidade social, embora, em regra, não seja considerada de essencial interesse para os estudiosos de Ciência Social, é ela que condiciona todas as nossas elucubrações sobre os problemas e os processos sociais.

Os seres humanos não vivem apenas no mundo objetivo, nem apenas no mundo da atividade social como ela é geralmente entendida, mas também acham-se em grande parte à mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão de sua sociedade. Ele também afirma que “o mundo real” se constrói inconscientemente, em grande parte na base dos hábitos linguísticos do grupo (COUTO, 2002, p. 29). Por esse motivo, não há duas línguas que sejam bastante semelhantes a ponto de se dizer que representem a mesma realidade social. Sapir divide o ambiente em físico e social. No primeiro, temos os “aspectos geográficos”, ou seja, a topografia, o clima e o regime de chuvas, em como o que se pode chamar de base econômica da vida humana... A fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Ao ambiente social pertencem: a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte. Ainda pode-se acrescentar que o meio ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuarem sobre ela as forças sociais (Sapir, 1969: p. 44-45).

Sapir ressalta que a língua pode sofrer influências do ambiente “quanto ao seu assunto ou conteúdo, isto é, no léxico; Talvez não quanto ao sistema fonético, nem quanto a forma gramatical, que compreenderia a morfologia e a sintaxe.

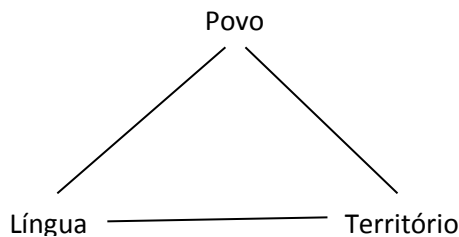
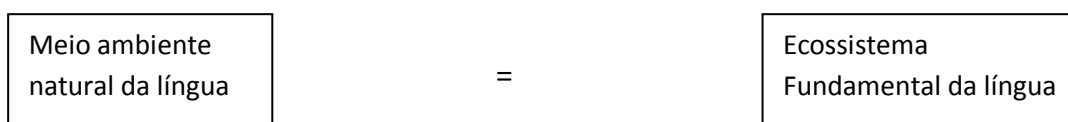
A língua surgiu do desejo profundo de se estabelecer comunicação, ela é um sistema, como estrutura que é, e o ponto onde se entrecruzam relações, ou seja, as várias regras destacadas dos atos de interação comunicativa que podem constituir uma gramática. Mesmo

enquanto gramática, a língua faz parte do meio ambiente que pode ser físico, mental ou social. Ela está no meio ambiente mental mas, imediatamente, encontra-se também no meio ambiente social e no físico.

Chegada ao Brasil

Iniciou-se com mais representatividade com o professor Hildo Honório do Couto, pesquisador que nasceu em uma área rural de Minas Gerais, e que desde sempre manteve contato direto com a natureza e com as impressões que o povo daquela localidade apresentava, principalmente com relação a seus hábitos e nas relações que eram estabelecidas. Mais tarde, começou a concentrar-se na relação entre língua e meio ambiente, tendo então postulado sua Teoria na Ecolinguística Fundamental da Língua, ou Ecosistema Fundamental da Língua, que tem nela uma abordagem ecológica, ou seja, ecolinguística, pois se faz uso de conceitos da ecologia biológica, entre eles o de ecossistema que é o mesmo que dizer que são as relações entre os seres vivos (vegetais, microrganismos e animais) e o meio ambiente em que vivem. A EFL é formada pela língua, pelo seu respectivo povo falante, e o seu território. Sendo assim, as inter-relações entre esses três pontos que constituem a EFL são o meio ambiente natural da língua, ou seja, seu ecossistema fundamental, seu povo, necessário para que exista uma língua, e seu respectivo território, como mostram as ilustrações a seguir:

A noção triparte:



(Couto, 2007, p. 91).

Historicamente, o povo cigano foi arrancado do seu território original, provocando a sua diáspora. Eles tornaram-se portadores de línguas distintas, no sentido de não possuírem

um território próprio. A partir do século XVIII, descobriu-se, mediante análise linguística comparativa, que eles devem ser provenientes da região central do Norte da Índia, há quase mil anos atrás. Essa região já foi o território de seu EFL. Hoje em dia, nenhum cigano tem memória desse fato, o que não significa que não tinham tido seu território e, portanto, sua língua original algum dia. Nessa época, já havia incursões para a América, desse modo, por volta de 1574, já haviam chegado ao Brasil (Couto, 2002, p. 93), vivendo em comunidades ciganas. Além disso, para que haja uma língua como já foi dito anteriormente, é preciso que haja um povo que a use, onde este povo viva e conviva em um determinado território. Duas ou mais línguas que convivam em um mesmo território causam ecologias complexas, estas ocasionadas pelas migrações de povos, provocados por transformações históricas posteriores ao momento de formação de cada língua. Deixadas à própria sorte, parece que as línguas tendem a se diversificar, primeiro dialeticamente, e depois, na mesma direção do plurilinguismo, num processo paralelo ao da diversificação biológica. Então, se elas diversificam-se, é porque inicialmente deveria existir uma única língua.

Contato de língua

O mesmo elemento que leva à variação linguística, que é a migração dos povos, começou a ter o efeito contrário, ou seja, a influência de uma língua sobre a outra, além de um tipo de convergência linguística. Como exemplo, há as grandes navegações, onde algumas línguas da Europa foram impostas aos povos de outros continentes. Outro ponto fundamental nesse contato é a globalização vivida atualmente e que, com isso, aumenta o contato entre povos e coletividades inteiras com outros povos e suas respectivas línguas. Segundo Couto, o meio ambiente natural da língua é o cenário em que indivíduos se veem juntos, o que os leva a interagir entre si. Nessa interação, mensagens enviadas por eles são processadas nos seus respectivos cérebros (meio ambiente mental). Se esse tipo de interação tiver continuidade, tenderá a haver uma convergência de meios de expressão, o que pode levar a uma socialização, a formação de uma nova comunidade e, frequentemente, uma nova língua (Couto, 2009, p. 50).

Um fator que pode afetar e influenciar resultados de contato são as atitudes. Se o povo migrante, mesmo sendo minoria, tiver uma atitude de resistência cultural, poderá fazer com que sua língua e sua cultura demorem a ser assimiladas pelas envoltentes. Tomando como exemplo o povo cigano, objeto de estudo deste trabalho, podemos analisar que, devido as inúmeras perseguições, passou a não ter mais território, pois o mesmo fora arrancado de lugar, provocando a diáspora ao se deslocarem. Diante disso, precisaram manter suas tradições

através da língua para manter viva sua identidade. O romani é uma língua natural que surge espontaneamente, tendo como objetivo ser um meio para os atos de interação comunicativa entre os membros de um grupo de pessoas que se estabelecem em um determinado território. Quando um povo se fragiliza, só lhes sobra a língua para assim expressar sua identidade.

Difusão da Ecolinguística

Foi a partir da década de 80 que muitos autores dedicaram-se ao estudo dos fenômenos linguísticos, por uma perspectiva ecológica, ou melhor, ecolinguística. Em síntese, ecolinguística é o estudo das relações entre língua e o seu meio ambiente. Os primeiros autores a fazer a divisão do meio ambiente da língua em social, mental e natural foram Jorgen Door e Jorgen Chr, Bang, entre outros. Os dois visaram termos diferentes para designá-los, ou seja, ideológico para mental, biológico para natural e o social. (Cf. Door C Bang, 1996, p. 16). O fato é que, por meio ambiente natural, entendemos como tudo o que faz parte do meio ambiente físico. Ao se falar em língua mental, refere-se às relações entre língua e pensamento, o que se dá no cérebro dos falantes. O campo que mais tem despertado atenção dos ecolinguístas é o social, como foi a proposta inicial de Haugen. Sobre o assunto, Walther von Wartburg e Stephen Ullmann nos dizem que:

“Língua e comunidade linguística (...) condicionam-se portanto reciprocamente. Uma língua é inconcebível sem uma comunidade linguística que a suporte, assim como essa comunidade só existe em virtude de uma língua determinada, que lhe dá ao mesmo tempo sua forma e seu contorno. Desde que uma língua existe, existe também uma comunidade linguística. Há, em suma, entre as duas, uma dependência recíproca. A comunidade linguística é uma das formas, e provavelmente a mais importante, de todas as comunidades; é ela que abre o acesso aos domínios do espírito e da cultura, que fornece as chaves dos bens espirituais objetivos depositados nas obras escritas; e a tais bens somos convidados a trazer nossa contribuição” (WARTBURG, ULMANN, 1975, p. 205).

Conclusão e perspectivas

Cabe ressaltar que esta pesquisa, ainda em andamento, tem na diáspora do povo cigano o ponto de partida inicial para mostrar a história desde o seu processo de imigração, o contato com outras línguas, a luta pela perpetuação da identidade através dessa língua, numa perspectiva Ecolinguística que abre um grande leque de possibilidades ao se tratar das relações entre língua e meio ambiente. Serão debatidas detalhadamente as relações entre língua e meio ambiente social, natural e mental em relação ao povo, e ao território,

propiciando a descortinização sobre as incertezas dos ciganos em relação à cultura, aos valores sociais e tradição.

Estes grupos diferem-se pela forma como vivem, pela tradição oral, e por todas as outras particularidades que os cercam e despertam por onde passam o temor e o fascínio. A abordagem desta pesquisa busca analisar estes grupos, pois perpassam territórios, culturas e políticas de estado, principalmente no que tange a obscuridade que cerca a história e o modo de vida, pautados na oralidade que é passada tradicionalmente. A língua, para eles, é algo sagrado, já que, por muito tempo, foram impedidos de ter voz, e o silêncio para com os não ciganos se fez como uma obrigação para sua própria proteção.

As raízes dos ciganos não se fincam em nenhum solo, mas em um terreno muito mais profundo: valores humanos, encontrados nas tradições, na língua e na consciência. Eles também possuem uma identidade que vai além dos limites territoriais, e encontram na estrada o seu caminho.

REFERÊNCIAS

COUTO, Hildo Honorário do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honorário do. A questão do segredo nas antilínguas: Uma visão Ecolinguística. In: *Confluência: Revista de Língua Portuguesa*. Nº 30. Rio de Janeiro: 2º Semestre de 2010, p.92 – 110.

HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford University Press, 1972.

SAPIR, Edward. *Língua e ambiente: Linguística como ciência*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

WARTBURG, Walther von. *Problemas e métodos da linguística*. São Paulo: DIFEL, 1975.